

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ELAINE CRISTINA MARCONDES KAZEKER



**SÍNDROME DE BURNOUT, UMA REFLEXÃO SOBRE POSSÍVEIS CAUSAS DO
ADOCIMENTO DOCENTE**

CURITIBA
2016

ELAINE CRISTINA MARCONDES KAZEKER



**SÍNDROME DE BURNOUT, UMA REFLEXÃO SOBRE POSSÍVEIS CAUSAS DO
ADOCIMENTO DOCENTE**

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Orientadora: Prof^ª Ma. Fabiana Thomé da Cruz

CURITIBA

2016

SÍNDROME DE BURNOUT, UMA REFLEXÃO SOBRE POSSÍVEIS CAUSAS DO ADOECIMENTO DOCENTE

ELAINE CRISTINA MARCONDES KAZEKER¹

RESUMO

Este estudo teve como objetivo fazer um levantamento na literatura sobre a Síndrome de Burnout, seu conceito, além de uma reflexão sobre as possíveis causas do adoecimento docente, consequências e tratamento. Realizou-se uma revisão bibliográfica exploratória, na base de dados Scielo, bem como em livros, revistas e teses. O estudo parte da observação de que esta questão vem atingindo com maior frequência os(as) professores (as) do município de Porto Amazonas, que enfrentam situações de comprometimento e desmotivação com o trabalho escolar. Isto acaba por acarretar problemas de saúde e afastamento temporário (ou até definitivo) do trabalho. Deste modo, buscando maiores informações sobre a Síndrome de Burnout, foi possível, ao aprofundar o estudo, compreender com maior clareza as situações enfrentadas por estes profissionais em sala de aula. Além disso, o estudo em questão pretende contribuir para que estes profissionais busquem, através das informações, o tratamento adequado. Tratamento que deve ser a partir de um diagnóstico profissional, evitando assim, um problema de saúde sério e que pode se tornar crônico; e entraves que possam prejudicar o desenvolvimento do trabalho pedagógico com os estudantes. Tais cuidados, talvez, possam preservar a saúde do profissional e possibilitar que ele mantenha uma relação mais consciente e humanizada com o trabalho.

Palavras-chave: Trabalho Docente, Sofrimento no Trabalho, Esgotamento Profissional

1. INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa visa desvelar possíveis causas de um dos problemas mais graves e freqüentes que tem acometido os profissionais da Educação que atuam na docência, a Síndrome de Burnout. Segundo Codo (1999), esta doença atinge aqueles que se dedicam, em sua profissão, ao cuidado do outro, onde, pela característica do trabalho desenvolvido diariamente, se estabelece vínculo com o outro. Por esta

¹ Artigo produzido pela cursista Elaine Cristina Marcondes Kazeker, do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, Email: ELAINE.CMK@hotmail.com

característica, acomete em maior escala profissionais da área da Educação e da Saúde.

Atuando como Coordenadora Pedagógica na Rede Pública de Ensino do município de Porto Amazonas, interior do Paraná, a autora observou que o número de casos por afastamento com laudo psicológico aumentou em número e frequência ao longo dos últimos anos, preocupação que motivou a realização da presente investigação. Esta consiste em um levantamento bibliográfico acerca da temática, estudo que visa aprofundar a compreensão do problema.

Frente a um cenário cada vez mais complexo na educação brasileira, onde a inibição dos demais agentes sócio-educativos (Ricci, 1999) acaba sobrecarregando a escola com demandas que vão muito além do processo pedagógico de ensino aprendizagem, o professor aparece como o responsável pelo sucesso ou insucesso no desempenho dos estudantes.

Tais exigências, de ser psicólogo, assistente social, entre outras necessidades dos estudantes, questões para além da função inerente ao trabalho docente, aliadas a condições de trabalho precarizadas e a impossibilidade de atender a tantas demandas, causa angústia e sofrimento em muitos profissionais comprometidos com a educação e com seus estudantes.

Em um cenário onde os estudantes já não percebem a educação como importante para a vida, e onde uma maior escolaridade já não garante sequer uma vaga ou um emprego digno no mercado de trabalho, cada vez mais se convive com a indisciplina na sala de aula.

Bourdieu e Champagne, in Catani e Nogueira (2007) já denunciavam este processo, onde maior escolarização não garante um bom emprego ou melhores oportunidades

[...]“não se pode fazer com que as crianças oriundas das famílias mais desprovidas econômica e culturalmente tenham acesso aos diferentes níveis do sistema escolar e, em particular, aos mais elevados, sem modificar profundamente o valor econômico e simbólico dos diplomas (...) Os alunos ou estudantes provenientes das famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter, ao fim de uma longa escolaridade, muitas vezes paga com pesados sacrifícios, um diploma desvalorizado; e se fracassam, o que segue sendo seu destino mais provável, são votados a uma exclusão, sem dúvida, mais estigmatizante e mais total do que era no passado: mais estigmatizante, na medida em que, aparentemente, tiveram “sua chance” e na medida em que a definição da identidade social tende a ser feita, de forma cada vez mais completa, pela instituição escolar; e mais total, na medida em que uma parte cada vez maior de postos no mercado de trabalho está

reservada, por direito, e ocupada, de fato, pelos detentores, cada vez mais numerosos, de um diploma (o que explica que o fracasso escolar seja vivido, cada vez mais acentuadamente, como uma catástrofe, até nos meios populares). Assim, a instituição escolar tende a ser considerada cada vez mais, tanto pelas famílias quanto pelos próprios alunos, como um engodo, fonte de uma imensa decepção coletiva: essa espécie de terra prometida, semelhante ao horizonte, que recua na medida em que se avança em sua direção" [...] (BOURDIEU, CHAMPAGNE 1992, APUD CATANI, NÓGUEIRA, 2007, p.221)

Esse descrédito e desencanto com a educação pode ser percebido em muitas escolas públicas brasileiras, principalmente no meio urbano, e podemos apreendê-lo no relato dos professores que todos os dias estão enfrentando os desafios da sala de aula.

[...] "E o poder público, distante da realidade escolar e indiferente ao sofrimento do professor, continua propalando através da imprensa que a principal solução para os problemas da educação brasileira é investir na formação do professor, como se a qualidade do ensino dependesse única e exclusivamente dele" [...] (SCHIMIEGUEL, 2015, p. 24)

Diante desse panorama, o esforço reflexivo que aqui se faz visa compreender as mudanças ocorridas na área educacional nas últimas décadas. Transformações que afetam as condições de trabalho docente de tal forma, que tem se tornado cada vez mais comum o afastamento de professores da sala de aula por motivo de saúde, culminando muitas vezes no adoecimento docente, uma enfermidade conhecida como Síndrome de Burnout, impossibilitando-os de desenvolver seu trabalho.

2. COMPROMETIMENTO E DESGASTE COM O TRABALHO - DEMANDAS CONTEMPORÂNEAS PARA A EDUCAÇÃO FRENTE A INIBIÇÃO DOS DEMAIS AGENTES EDUCATIVOS

Por que os professores estão adoecendo e os alunos não estão aprendendo? Essa é a pergunta que muitos fazem diante de alguns resultados de nossa Educação.

Atualmente, o ofício de professor, independente do nível de ensino em que atue, tipo de escola, está se configurando como uma profissão alvo de inúmeros estressores psicossociais presentes no seu contexto de trabalho. A atividade docente, entendida em tempos passados como uma profissão vocacional de grande satisfação pessoal e profissional tem dado lugar ao profissional do ensino excessivamente atrelado a outras questões.

[...] “Há uma redução da amplitude de atuação do trabalho, as tarefas de alto nível são transformadas em rotinas, há menos tempo para executar o trabalho, para atualização profissional, lazer e convívio social (...). Evidencia-se a existência de diversificação de responsabilidades com maior distanciamento entre a execução, realizada pelos professores, e o planejamento das políticas que norteiam seu trabalho, elaborado por outras pessoas” [...] (CARLOTTO, 2002)

O que está acontecendo nas escolas, principalmente nas públicas, é o adoecimento de muitos colegas de profissão, que não conseguem obter os resultados exigidos pela sociedade e acabam por serem considerados os responsáveis pelo fracasso escolar; resultado que gera um sentimento de frustração, desmotivação profissional e várias doenças, entre elas a "Síndrome de Burnout".

A Síndrome de Burnout é uma expressão de origem inglesa compreendida como "queimado até o fim, consumido, esgotado". É a síndrome do esgotamento profissional. É uma doença de origem ocupacional que já está na 3ª colocação na escala de doenças que geram afastamento do trabalho. A Síndrome de Burnout é considerada uma modalidade de stress ocupacional, que atinge profissionais no desempenho de funções assistenciais, como é o caso não somente dos professores, mas de profissionais da saúde, policiais, agentes comunitários, entre outros; ou seja, que lidam diretamente com pessoas.

[...]”Burnout foi o nome escolhido; em Português, algo como “perder o fogo”, “perder a energia” ou “queimar para fora completamente” (...) é uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil. Esta síndrome afeta, principalmente, profissionais da área de serviços quando em contato direto com seus usuários. Como clientela de risco são apontados os profissionais da educação e saúde”[...] (CODO, 1999)

Segundo Maslach e Jackson (apud Carlotto e Palazzo, 2006), "o trabalhador se envolve afetivamente com seus clientes, se desgasta e, num extremo, desiste, não aguenta mais e entra em Burnout."

[...] E desta forma, acabam "pagando" por sua dedicação na luta por alcançar grandes realizações no trabalho, respondendo desta forma, emocionalmente por todo estresse do trabalho docente, que envolve baixos salários, classes superlotadas, tensão na relação com os alunos, podendo causar a "síndrome

da desistência, que envolve esgotamento emocional, desenvolvimento de atitudes negativas em relação ao trabalho, falta de envolvimento pessoal no trabalho e assim por diante." [...] (CODO, 2004, p. 116).

Muitos professores trabalham de acordo com uma rotina diária, deixando de lado o lazer e um estilo de vida mais saudável. Ensinar é uma atividade, em geral, altamente estressante, com repercussões evidentes na área da saúde física e mental e no desempenho profissional dos professores.

"A dor de um profissional encalacrado entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue fazer, entre o céu de possibilidade e o inferno dos limites estruturais, entre a vitória e a frustração; é a síndrome de um trabalho que voltou a ser trabalho, mas que ainda não deixou de ser mercadoria." (CODO, 2004, p. 115).

Esse estresse acentuado dos professores é algo que vem sendo observado em vários países, onde a Síndrome de Burnout aparece como a principal causa de afastamento de professores em vários níveis de ensino.

Problema que está presente também entre os profissionais que atuam em municípios de pequeno porte, como é o caso de Porto Amazonas, cidade com 4.514 habitantes².

Segundo a perspectiva de Maslach e Jackson (apud Carlotto e Palazzo, 2006), não há um conceito único para a Síndrome de Burnout, no entanto, a definição mais aceita concebe a doença como "*uma reação à tensão emocional crônica do indivíduo, por lidar excessivamente com pessoas*". Conceito formado por três dimensões relacionadas, mas independentes: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização profissional.

[...] "A exaustão emocional é caracterizada por falta de energia e entusiasmo, por sensação de esgotamento de recursos ao qual pode somar-se o sentimento de frustração e tensão nos trabalhadores, por perceberem que já não têm condições de despender mais energia para o atendimento de seu cliente ou demais pessoas, como faziam antes. A despersonalização caracteriza-se pelo desenvolvimento de uma insensibilidade emocional, que

faz com que o profissional trate os clientes, colegas e organização de maneira. A diminuição da realização profissional é caracterizada por uma tendência do trabalhador a autoavaliar-se de forma negativa, tornando-se infeliz e insatisfeito com seu desenvolvimento profissional, com conseqüente declínio no seu sentimento de competência e êxito, bem como de sua capacidade de interagir com os demais”[...] (MASLACH, JACKSON, APUD CARLOTTO, PALAZZO, 2006)

Talvez a dimensão mais cruel desse problema psicossocial ligado diretamente a atividade laboral destes profissionais seja a de que os mais afetados, são os que mais investiram o seu emocional no trabalho, no cuidado e no atendimento ao outro, com uma linha tênue entre a “resistência e resiliência”. (CALDAS, 2007)

Segundo Codo, (1999), “retomar o passado, refazer os vínculos com o presente, reorganizar o futuro, eis o que o professor faz. Essa transformação é produto do trabalho da educação, do ensino, do professor (...) no seu vínculo direto com o passado e com o futuro, os alunos.” (CODO, 1999, p.44)

A gravidade do assunto em questão torna necessário aprofundar o conhecimento da realidade concreta de professores (as) deste município em suas respectivas instituições, local onde constroem sua relação com o trabalho, com os outros e consigo mesmos, redefinindo significados sociais, atribuindo sentido e finalidades às suas práticas, bem como construindo historicamente espaços de resistência. Resistência esta, que, por vezes, torna-se impossível diante de situações vivenciadas no dia a dia.

Segundo Codo (1999, p.45) o “produto” do trabalho do professor “é o aluno educado, é a mudança social na sua expressão mais imediata”. Esta reflexão nos remete à grande importância do papel do professor para a sociedade. Conscientes do seu papel como agentes da mudança, muitos profissionais acabam assumindo um nível de trabalho elevado, desenvolvendo síndromes como a de Burnout.

Segundo Duarte (2003),

[...] “a questão epistemológica fundamental que articula este novo protagonismo docente é a “epistemologia da prática”, que valoriza o saber tácito do professor e o conhecimento na ação. Investir na postura consciente e autorreflexiva diante da práxis, tornando-se o professor que se surpreende, reflete, compreende e reformula ações”

[...] (DUARTE, 2003, APUD CALDAS, 2007, p. 23)

Quanto maior a defasagem entre o "trabalho como deve ser" e a realidade do trabalho nas escolas, maior será o investimento afetivo e cognitivo exigido ao professor, maior será o esforço realizado, e por isso, maior será seu sofrimento no cotidiano do trabalho.

Segundo Esteve (1995), este sentimento compartilhado pelos professores tem como fatores fundamentais:

[...] - aumento de exigências em relação ao professor: para além do domínio do conteúdo, o professor é requisitado para tarefas de integração social com a comunidade e apoio psicológico aos alunos, sem se fazer acompanhar da alteração na formação do professor; inibição educativa de outros agentes de socialização, como a família, o que vai acarretando maior responsabilidade para a escola no processo formativo em geral;

- desenvolvimento de fontes de informação alternativas que alteram o papel transmissor do professor, obrigando-o a integrar tais meios à aula;
- ruptura do consenso social sobre educação, o que caracterizaria uma socialização divergente, com relação a modelos e valores de educação;
- modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo pelo abandono da idéia de ensino como promessa de um futuro promissor e a emergência de uma sociedade voltada para o prazer individual; - menor valorização social do professor pela definição do status social em termos exclusivamente econômicos;
- mudança dos conteúdos curriculares, que acaba por gerar uma permanente insegurança a respeito da atualidade do conhecimento à disposição do professor;
- escassez de recursos materiais pela redução de investimentos públicos na área da Educação;
- mudanças na relação professor/aluno, com um número crescente de casos de agressões sofridas por professores na escola; - fragmentação do trabalho do professor, o que gera acúmulo de tarefas e intensificação do trabalho [...]. (ESTEVE, 1995, APUD CALDAS, 2007, p. 38:39)

Para Caldas (2007, p. 26), tais fatores podem levar os professores a um abandono parcial ou definitivo da profissão. A autora reflete que problemas no trabalho, se enfrentados de forma solitária pelo trabalhador, podem redundar em mais sofrimento ainda e um sentimento de isolamento.

[...] “As causas apontadas para este processo de progressiva desistência do trabalho docente, que pode ou não levar ao abandono definitivo do trabalho, estão relacionadas às condições materiais de trabalho, relações interpessoais, formas de gestão da escola, nível salarial, suporte afetivo e social, intensificação e fragmentação do trabalho, desvalorização social, violência e segurança” [...]. (CALDAS, 2007, p.63)

O trabalho é uma atividade que ocupa grande parcela do tempo de cada indivíduo e do seu convívio em sociedade. Caldas (2007, p.64) destaca a relevância do fator “carga mental elevada no trabalho”. Este pode, além de outros, afetar os

profissionais com mais de um vínculo empregatício, que trabalham em mais de um nível de ensino, o que pode demandar deslocamento entre um local de trabalho e outro, “maior esforço de adaptação entre ambientes diferentes, preparação de atividades distintas”. (CODO, 1999, p.285) Tais demandas, afirma a autora, podem estar associadas a sintomas como exaustão física e emocional, desânimo e desligamento afetivo. (CALDAS, 2007, p.64)

Pesquisas em diferentes culturas indicam que os professores estão entre os profissionais que apresentam maiores níveis de estresse no trabalho (sendo uma das atividades ocupacionais mais expostas a ambientes conflituosos e à alta exigência de trabalho). A docência tem sido nos últimos anos, uma das categorias profissionais mais investigadas nos estudos sobre Burnout.

Entre as estratégias de defesa para evitar o sofrimento, Kuenzer (2001, apud Caldas, 2007, p. 57) aponta a tendência crescente ao não envolvimento com o trabalho. “Quanto mais se ampliam as necessidades de professores (...) mais crescem as impossibilidades de realização profissional e de intervenção social destes profissionais, dos quais muito se exige, e que muito exigem de si mesmos”.

O crescente aumento se deve às importantes repercussões negativas na saúde física e mental do professor, no prejuízo da qualidade do processo de ensinoaprendizagem, no aumento de afastamentos do trabalho e pela tendência em abandonar a profissão; sendo essa repercussão muito preocupante, considerando que, na fase inicial de estudos atinentes à Burnout, advertia que a síndrome acomete profissionais altamente entusiasmados e socialmente comprometidos com o trabalho.

Por conseguinte, a educação tende a perder trabalhadores identificados e comprometidos com o seu trabalho. Burnout em professores é explicada pela alta exposição a estressores psicossociais (Carlotto, 2012) ampliada, principalmente, pelo processo de expansão das funções docentes.

No atual contexto, o professor deve, além de ministrar aulas atendendo às novas demandas, como o domínio de tecnologias, a abordagem de assuntos diversos, como saúde, sexualidade, meio ambiente, educação no trânsito, entre outros, também executar trabalhos administrativos, organizar atividades extraescolares, participar de reuniões pedagógicas e de coordenação, seminários, conselhos de classe, atender

necessidades/questões individuais relativas às dificuldades da aprendizagem de alunos, cuidarem do patrimônio, material, recreios e locais de refeições.

[...] “Destá forma, a disponibilidade para a realização do trabalho é afetada. O trabalho já não entusiasma como antes. A motivação vai se esvaindo. O contato com a clientela (alunos) vai se tornando cada vez mais difícil. A organização sufoca.”[...] (CODO,1999, p. 271)

Há o agravante ainda da Síndrome de Burnout nas relações sociais no trabalho, visto que a presença da síndrome praticamente dobra os problemas nestas relações. Profissionais atingidos pelo Burnout passam a não se importar mais com as relações interpessoais, desenvolvem sentimentos e atitudes negativas com relação aos colegas e alunos, sentem-se exauridos, incapazes de poder dar mais de si mesmo.

Como poderiam neste estado serem capazes de oferecer ou mesmo receber suporte social no trabalho? Para eles não faz mais sentido gastar energia com estas questões; esta forma de agir é inconsciente, de forma que não percebem estarem afastando as possibilidades de ajuda.

[...] “Globalização, especulação financeira, urbanização acelerada com conseqüente abandono do espaço rural, impersonalização das relações humanas, dificuldades na elaboração de projetos políticos e sindicais capazes de galvanizar os interesses da população, enfim [...] uma sociedade do "mínimo eu", onde se vive um dia de cada vez. Esta é a sociedade que engendra o *burnout*. [...] A economia, a falta de política, a carência de sonhos deste mundo de hoje faz da desistência o caminho mais fácil [...]. O trabalhador pode desistir, porque a desistência já está posta como estilo de vida em tempos de hegemonia neoliberal. O poder de transformar o mundo é negligenciado via *burnout* porque já não estava lá” [...] (CODO, 1999, p.362).

Para Demeneck e Kurowski (2010 -2011?), “no contexto da globalização, o trabalho não está necessariamente vinculado ao prazer, ao reconhecimento e crescimento profissional, sendo que este vem sendo percebido como uma fonte de sofrimento e adoecimento do trabalhador”.

As conseqüências do Burnout em professores não se traduzem somente na vida pessoal e profissional, mas também refletem na organização escolar e na relação com os estudantes.

Professores com Burnout pensam com frequência em abandonar a profissão. Esta situação acarreta muitos contratempos para a instituição escolar. Mesmo que o profissional não desista da profissão, e persista, tem seu potencial toldado

[...] “O professor acometido pela síndrome tem dificuldade de envolver-se, falta-lhe carisma e emoção quando se relaciona com estudantes, o que afeta não só a aprendizagem e a motivação dos alunos, mas também o comportamento destes” [...] (MASLACH, LEITER, 1999, APUD CARLOTTO, 2002, p.07)

Muitas vezes a frustração de querer realizar um trabalho, de investir tempo, energia e motivação no seu planejamento e não conseguir efetivá-lo ou levá-lo a cabo por causa de limites estruturais pode ser um grande extressor no cotidiano docente, agravado se essa situação se repetir com frequência.

Essa síndrome não se consubstancia apenas a dimensão do trabalho docente desenvolvido, mas ameaça a saúde do trabalhador e da sociedade que o cerca, tanto no ambiente de trabalho, quanto na vida familiar ou social.

[...] “A Síndrome de Burnout apresenta-se, hoje, como um dos grandes problemas psicossociais que estão a afetar profissionais de diversas áreas. Esta realidade tem gerado grande interesse e preocupação não só da comunidade científica internacional, mas também de entidades governamentais, empresariais, educacionais e sindicais no Brasil, devido à severidade das consequências, tanto individuais quanto organizacionais, apresentadas pela Síndrome, especialmente como fator de interferência nas relações interpessoais do professor” [...] (FERENHOF, FERENHOF, 2002)

O agravamento desta situação de sofrimento, de desgaste e de despersonalização leva muitos professores a buscarem uma saída que infelizmente, em muitos casos, acaba sendo o abandono da profissão docente. Situações como essa geram perdas irreparáveis, tendo em vista a importância do professor e da escola na socialização do indivíduo, que muitas vezes tem no professor uma referência para a vida

[...] “A escola e o professor cumprem papel relevante na socialização do indivíduo. O bom desempenho das atividades docentes depende das suas condições emocionais favoráveis, sendo que o professor, no seu papel de educador, é para seus alunos uma referência, um exemplo nas suas atitudes, no seu caráter, na maneira de tratar o próximo. Lecionar é uma tarefa complexa que exige deste profissional muita dedicação e desprendimento” [...] (CARLOTTO, SILVA, 2003, p. 1)

Para Kuenzer (2001), “quanto mais se ampliam as necessidades de professores [...] mais crescem as impossibilidades de realização profissional e de

intervenção social destes profissionais, dos quais muito se exige, e que muito exigem de si mesmos". (KUENZER, 2001, APUD CALDAS, 2007, p.57)

Ainda segundo a autora, as reformas educacionais engendradas nos anos 90 culminaram numa hierarquização do sistema educacional

[...] “construindo a identidade do professor sobranter, ou seja, aquele que irá atuar nas escolas públicas de ensino fundamental, tendo como destinatários do seu trabalho, os alunos sobranter, os que de antemão estão excluídos do sistema formal de trabalho, para os quais é necessário apenas educação fundamental para não serem violentos, embora usem drogas e comprem armas para alimentar os ganhos do narcotráfico, não matem pessoas, não explorem crianças, não abandonem os idosos à sua sorte, não transmitam AIDS, não destruam a natureza, para que o processo capitalista de produção possa continuar a fazê-lo, de forma institucionalizada, em nome do desenvolvimento” [...] (KUENZER, 1999, p.17).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prevenção do Burnout em professores não pode ser uma tarefa isolada, faz-se necessário a articulação de ações conjuntas entre o poder público, instituições de ensino, professores, estudantes e sociedade para a atenuação deste problema. Urge a necessidade de se pensar e implementar políticas públicas que tornem a condição de trabalho docente mais favorável ao exercício saudável da profissão.

Quem perde a saúde por se dedicar ao trabalho poderá em algum momento da vida ter que abrir mão da carreira profissional para se dedicar ao resgate da saúde. Portanto, o equilíbrio necessário a todas as áreas da vida também se faz necessária em nossa atividade profissional.

Uma das maiores conquistas da sociedade civilizada é a transformação do significado da palavra “trabalho”. A maioria dos trabalhadores enfrenta, no percurso da carreira profissional, limites a serem continuamente ultrapassados. Todos os indivíduos enfrentam alegrias e tristezas, momentos de sucesso e de fracasso tanto no campo pessoal quanto no profissional.

Superar momentos difíceis no trabalho, enfrentar problemas, encontrar novas direções e ressurgir mais forte do que antes é possível. A superação passa pelo desenvolvimento de um trabalho mais coletivo, condições de trabalho dignas e um ambiente de trabalho mais humanizado.

A síndrome de *Burnout* na maioria das vezes não é identificada pelo profissional, que não vê no trabalho a origem do esgotamento físico e mental e não

reconhece que está doente e que precisa de ajuda. Infelizmente são os profissionais mais motivados e comprometidos os mais suscetíveis ao desenvolvimento do Burnout, o que resulta muitas vezes em frustração, angústia, desmotivação.

A sensação de impossibilidade de tornar o trabalho mais significativo têm levado muitos trabalhadores, e em especial os professores, à síndrome de Burnout. Como se o profissional não tivesse mais energia ou o que dar de si, muitas podem ser as causas que vão resultar numa alienação ao próprio trabalho e a si mesmo.

Considerando a teoria estudada e o panorama aqui exposto, as condições de trabalho e a falta de perspectivas profissionais dos professores vêm colaborando de forma decisiva para o abandono da profissão. Precarização que fica evidente no avanço de uma agenda neoliberal no âmbito federal para a área educacional. Desta forma, o avanço da precarização da condição de trabalho docente pode representar mudanças que vão contribuir para o agravamento e a ampliação da Síndrome de Burnout entre os professores.

Desta forma, torna-se necessário examinarmos “possibilidades de resistência a um modelo econômico-político-social que, cada vez mais, precariza os trabalhadores em todo o mundo e, em particular, neste país”. (SILVA, 2006)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CALDAS, Andréa do Rocio. **Desistência e Resistência no Trabalho Docente: Um Estudo das Professoras e Professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Curitiba**. Curitiba, 2007. Tese (Doutorado) - UFPR.

CARLOTTO, Mary Sandra. A Síndrome de Burnout e o Trabalho Docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002

CARLOTTO, Mary Sandra ; SILVA, Graziela Nascimento da. Síndrome de Burnout: Um Estudo com Professores da Rede Pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 7, n. 2, p. 145-153, 2003. Acesso em: maio de 2016.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v7n2/n2a04.pdf>

CARLOTTO, Mary Sandra; PALAZZO, Lílian dos Santos. Síndrome de Burnout e Fatores Associados: Um Estudo Epidemiológico com Professores. **Cad. Saúde Pública**, vol.22, nº 05, Rio de Janeiro, maio de 2006. Acesso em: março de 2016.
Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2006000500014

CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de Burnout em Professores:**

Avaliação, fatores associados e intervenção. Porto: LivPsic, 2012.

CODO, Wanderley (coord.). **Educação: Carinho e Trabalho.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DEMENECK, Volni Antonio; KUROWSKI, Cristina Maria Kurowski. **Síndrome de Burnout: Ameaça da Saúde Mental do Trabalhador.** 2010 – 2011?

Acesso em: março de 2016. Disponível em: <http://docplayer.com.br/16600199-Sindrome-de-burnout-ameaca-da-saude-mental-do-trabalhador.html>

DUARTE, N. Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor. **Educação e Sociedade**, Campinas (SP), v.24, n.83, 2003.

ESTEVE, J. M. **Mudanças sociais e função docente.** In: NÓVOA, A. (Org.). Profissão Professor. Porto: Porto Editora, 1995.

FERENHOF, Isaac Aisenberg; FERENHOF, Ester Aisenberg. **Burnout em Professores.** ECCOS – Revista Científica – Avaliação e Mudanças – Centro Universitário Nove de Julho - São Paulo, v. 4, n. 1, p. 131/151. 2002. Acesso em: maio de 2016. Disponível em: <http://docplayer.com.br/9128804-Burnoutemprofessores-isaac-aisenberg-ferenhof-e-ester-aisenberg-ferenhof.html>

KUENZER, ACÁCIA Z. As políticas de formação: a construção da identidade do professor sobrando. **Educação e Sociedade**, Campinas, n.68, p.163-183, dez. 1999.

KUENZER, ACÁCIA Z. **Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores(as) e montadores de automóveis se encontram, no sofrimento do trabalho.** In: Encontro Nacional de Enfermagem. DUARTE m, 2001, Curitiba. Educação e Saúde: CONEN, 2001.

SCHIEMIGUEL, Otávio; SCHIEMIGUEL, Hélio. **Indisciplina e Impunidade na escola - por que os professores estão adoecendo e os alunos não estão aprendendo.** Blumenau: Nova Letra, 2015.

SILVA, Maria Emília Pereira da. Burnout: por que sofrem os professores? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 6, n. 1, 2006. Acesso em: junho de 2016.

Disponível em:

<http://www.revispsi.uerj.br/v6n1/artigos/v6n1a08.htm>